

## **A Reforma Vista Por Um Olhar Marginal (na Alemanha)**

*Luis Felipe Mendes do Nascimento*

### **Resumo**

O movimento Anabatista tem sido desprezado pela história, especialmente as manifestações deste movimento na Alemanha, foram vistas ali como o “efeito colateral” da Reforma. Mas nesse olhar marginal, havia um espírito de liberdade que queria mudanças já na sociedade. Com personagens como Muntzer que inspiram até mesmo o comunismo e outros movimentos de esquerda. Alguns dos seus líderes: além de Thomas Muntzer, temos na mesma linha Andreas Bodenstein de Carlstadt e a própria Guerra dos Camponeses, e há também um líder de características bíblicas e de conhecimento impressionante, que é Baltasar Hubmaier..

**Palavras-chave:** reforma – anabatistas - alemanha

### **Abstract**

The Anabaptist movement has been despised by the history, specially the manifestations of this movement in Germany were seen there as the “collateral effect” of the Reform. But in this marginal view, there was a spirit of freedom willing changes in the society. With characters as Muntzer that inspired even the communism and others left wing movements. Some of its leaders besides Thomas Muntzer, we have in the same line Andreas Bodenstein of Carlstadt and the landsmen war and there is also a leader with biblical characteristics and impressive knowledge which is Baltasar Hubmaier.

**Key-words:** reform – Anabaptists – Germany

## 1. Baltasar Hubmaier (1408 – 1528)

Um nome marcante entre os anabatistas foi o do Dr. Baltasar Hubmaier. Ele nasceu em uma aldeia de Friedberg, próxima a Augsburgo, no seio de uma família de pobres camponeses. Sabe-se muito pouco sobre este período de sua vida, apenas que estudou em Augsburgo, onde estudou latim. Mais tarde matricula-se na Universidade de Friburgo, onde o Dr. John Eck foi seu professor e tutor. Este sempre elogiou Baltasar pelo seu aprendizado. Foi uma época dura ali. Em 1511 Baltasar torna-se professor de Teologia. O Dr. Eck vai ensinar na Universidade de Ingolstadt, para onde leva Hubmaier tempos depois. Ali, em 1512, com 32 anos, recebe o seu doutorado em Teologia.

É um intelectual muito bem preparado, conhecedor de Bíblia e de várias línguas, e chega a ser vice-reitor e sacerdote em sua universidade. Quando nomeado para a catedral de Ratisbona alcança fama de excelente pregador. Por causa da peste, sai da cidade para Waldshut, próximo a Suíça, em 1520. Há nesta época uma acusação de anti-semitismo contra Hubmaier, que ataca os judeus pelos juros injustos que cobram.

Hubmaier havia estudado na Universidade de Ingolstadt debaixo da orientação do Dr. John Eck, com quem mantinha correspondência. Foi influenciado também pelo humanismo. Estudando livros de Lutero, e mantendo contato com outros reformadores, ele é trazido à posição reformada.

Em maio de 1523 pôs em dúvida o batismo de crianças e chegou a discutir com Zwínglio sobre isto. Numa carta comenta que houve simpatia de Zwínglio pela idéia. Depois se afasta de Zwínglio, mas mantém contatos com Thomas Muntzer e depois com Carlstadt que é quem lhe ensina a respeito da Ceia.

Em 1524 escreveu um tratado sobre os *hereges e os que os queimam*, no qual ele apela contra a execução de pessoas por causa de sua fé.

Começa a fazer reformas em Waldshut semelhantes àquelas na Suíça, tendo o apoio de todo o povo. Ensinou a orar somente a Deus, abandonou a adoração de imagens, ceia em duas espécies, quase abandona o batismo infantil que é permitido só para os que insistem. Abandona o Sacerdócio Romano, mas é eleito “Ministro do Evangelho” pela comunidade. É pressionado pelas autoridades austríacas a se entregar, chega a fugir, mas volta para Waldshut que tinha se tornado totalmente evangélica e ganha apoio de várias cidades e inclusive dos camponeses com quem Hubmaier sempre se deu muito bem. Em 1525 se casa e em 15 de Abril do mesmo ano recebe a visita de Wilhelm Reublin que havia sido expulso de Zurique, este batiza Hubmaier e mais setenta pessoas.

Convencido a respeito do batismo de crianças ser contrário às Escrituras, toma uma atitude, em 1525 batiza no dia da ressurreição mais de 300 pessoas, quase toda a sua paróquia. Estabeleceu também um rito simples para a celebração da Ceia, incluindo até a lavagem cerimonial dos pés. Por causa destas mudanças o governo austríaco o perseguiu e tentou várias vezes fazer com que ele fosse expulso da cidade, mas o conselho da cidade e os cidadãos o defenderam, mas ele se tornava um perigo para a cidade e resolve fugir junto com sua esposa Hugline. Sai de Waldshut no dia cinco de dezembro de 1525 para nunca mais voltar. No mesmo dia em que deixam a cidade, ela é conquistada pela Áustria e obrigada a se tornar novamente católica. Isto consternou os reformadores de todos os lugares e alguns culpam o radicalismo de Hubmaier disto ter acontecido.

Hubmaier, sua esposa e amigos vão para Zurique onde é descoberto e preso poucos dias depois, acusado de estar tentando fazer algo monstruoso. Pressionado em um debate com Zwinglio, mostra que o próprio Zwinglio já havia sido favorável a não batizar crianças, o que irrita muitíssimo ao reformador de Zurique, mas Hubmaier esta fraquejando fisicamente. Alguns dizem que foi torturado, outros que só a prisão foi suficiente para ele escrever uma retratação onde se dizia convencido por Zwinglio de seus erros, e num culto na Catedral, com duas tribunas frente a frente, ele iria ler a sua retratação diante de todos, mas no dia ele se retrata de sua retratação, volta a ser preso. Por fim, já exausto, volta a se retratar e é expulso da cidade em junho de 1526. Dali foge para a Moravia.

Acaba por ser aceito em Nicolsburgo onde ficou por um ano realizando um trabalho bem sucedido. Calcula-se que em 1527 já havia uns 12 mil anabatistas ali. No tempo em que Hubmaier ficou em Nicolsburgo, ele chega a batizar a mais de seis mil pessoas. E escreve vários tratados sobre o batismo, equiparando-se a Melancton em seu estilo e erudição.

No começo de 1527 surge um problema a respeito da contribuição de impostos militares para defender a Áustria do avanço turco, se os anabatistas deveriam ou não fazer esta contribuição. A posição de Hubmaier foi a de submeter-se à autoridade, pois ela foi constituída por Deus. Quando Hans Hut chega à cidade realiza dois debates públicos com Hubmaier, conseguindo convencer a uma parte da população da cidade a respeito de seu pacifismo radical, no qual o cristão não pode se envolver em nada a respeito de guerra, etc. Esta divisão na cidade enfraquece muito a posição de Hubmaier na cidade, o que vai contribuir para o seu posterior aprisionamento. Ambos foram presos pouco depois e

Hubmaier foi conduzido a Viena, onde ficou preso 8 meses, mas em 10 de março de 1528, é executado na fogueira, a sua mulher foi afogada alguns dias depois.

O historiador Torbet nos diz que devemos lembrar de Hubmaier pelos 3 princípios que defendeu: Supremacia das Escrituras, Liberdade Religiosa e Batismo dos Regenerados.<sup>1</sup> Hubmaier escreveu vários livros defendendo a fé anabatista, defendia a necessidade do governo civil e a necessidade de submissão a ele, incluindo serviço militar e pagamento de impostos. Para ele a única lei da Igreja é a Bíblia.

## **2. Thomas Muntzer**

Thomas Muntzer é uma encruzilhada na história: para Lutero, ele tinha parte com o mal, para os anabatistas de Zurique, mesmo com ressalvas, ele era veraz e fiel mensageiro do Evangelho. E assim é visto pela história, como uma mistura de enviado de Deus com servo de Satã. O “reformador sem igreja” (expressão de Eric Gritsch) era um teólogo e revolucionário ao mesmo tempo. Conseguiu reunir em si mesmo ambas extremidades, mostrando que não são excludentes, aliás, procura fundamentar teologicamente a revolução.

Nasceu por volta de 1490 em Stolberg, na Alemanha. De família burguesa, estudou em Leipzig (1506) e em Frankfurt na der Oder (1512). Depois de abandonar Leipzig assumiu a função de colaborador eclesiástico e de mestre-escola. Em 1513 ou 1514 é ordenado sacerdote. Em 1516 conclui os estudos. Entre 1517e 1518 visita a Wittenberg e até 1520 adere a causa luterana. Neste ano, por indicação de Lutero, assume como pregador do evangelho na cidade de Zwickau.

Foi em crise que chega a ser luterano, sentindo-se com problemas de consciência, abandonado por Deus, desorientado. Mas foi influenciado pelos místicos alemães e nestes ensinamentos encontrou consolo para a sua alma. Aprendeu que o Deus terno se revela palpavelmente aos seus, no mais profundo da alma. O ser humano pode sentir Deus e ter certeza absoluta.

Depois Muntzer manteve um contato com um grupo de cristãos leigos em Zwickau, estudiosos da bíblia que diziam ter experiências com o Espírito Santo. Com influências taboritas, o grupo tinha a visão de instaurar o Reino de Deus, exigindo vida de testemunho, experiência com o Espírito, e eliminação dos não crentes.

---

<sup>1</sup> Faircoth, Samuel D. *Esboço da História dos Batistas*. P. 27

Um deles era Nicolau Storch, um tecelão que havia estado na Boêmia, onde foi influenciado por doutrinas quiliastas dos Taboritas ainda professados por alguns irmãos boêmios. Era analfabeto, mas sabia citar as escrituras do velho e do novo testamento. Impressionava a todos ao seu redor, classificando suas profecias como inspiradas diretamente por Deus. Muntzer concordava com Storch e sentiu que junto com todos eles era chamado a fundar uma Nova Igreja Apostólica.

Muntzer via a Igreja como uma categoria sociológica para a vida humana em comunhão, antes de tudo uma experiência subjetiva do “Espírito” que antecede a Palavra escrita e que tem de ser despertada. Uma religião imanente que existe na alma humana desde a criação. É este o “Espírito” que se manifesta nos patriarcas, profetas, etc. E esta experiência está disponível a todos os homens, todos podem desfrutar desta manifestação de Deus e isto torna todos os homens iguais, sem diferença de raça ou nação.

O fator determinante para a sua interpretação bíblica era a possibilidade de receber revelações diretas de Deus que teria ascendência sobre a Palavra externa. Um texto freqüente entre eles era a respeito de “a letra mata, mas o Espírito vivifica”. O “Espírito” cria uma comunhão dos eleitos, e através deles uma nova realidade social. Muntzer via esta comunhão sem classes, sem propriedade privada na igreja primitiva.

*“A Igreja é um ideal social, onde inexistem Estado, classes, propriedade privada.” ... “ ‘Igreja’ é para ele a união dos eleitos, através da experiência direta do Espírito e da vontade de Deus, e o estado final perfeito da humanidade, sem instituição estatal, sem propriedade, realizado aqui na terra e que conclui ou encerra a história que até aqui ocorreu (Hinrichs). Igreja é o reino de Deus implantado de maneira definitiva. <sup>2</sup>*

A partir daí Muntzer foi se distanciando de Lutero, tem que sair de Zwickau, vai para Praga. Em 1523 começa a pastorear em Allstedt. Institui o culto em alemão, casa-se com uma ex-freira, Ottilie von Gersen, com quem teve um filho. Atrai multidões como pregador, vinha gente de diversos lugares, causando a reação dos príncipes católicos que fizeram restrições para seus súditos viajarem para Allstedt. Muntzer chega a ameaçá-los de oposição total e até mesmo rebeldia e desobediência.

---

<sup>2</sup> Dreher, Martin N. *A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. Pág 82, 83.

*“Algumas de suas expressões diziam: ‘Deus deu senhores e príncipes por ter estado irado, mas em tempo Ele os removerá em seu desgosto. Se os príncipes agirem não só contra o evangelho, mas também contra os direitos naturais do povo, devem eles ser estrangulados como cães.’”<sup>3</sup>*

Muntzer via-se como um profeta (Malaquias 4.5-6), enviado para conclamar os cristãos a voltarem a ter uma fé pura. Ele entendia que havia sido mandado por Deus para instaurar um novo Reino onde se estabeleceria a igualdade de classes e as pessoas viveram em comunhão de bens como nos dias apostólicos. Cria que este novo reino não seria estabelecido pacificamente, mas sim pela força. Muntzer tinha teorias extraordinárias de como isto se daria: os eleitos de Deus poderiam cada um estrangular a mil inimigos.

Da teoria à ação, em resultado de suas pregações uma capela dedicada a Maria, da qual se diziam haver poder milagroso, foi queimada em resultado de suas prédicas. O processo decorrente deste incêndio provocou a ira de Muntzer, que achava que a autoridade cristã teria que ficar do seu lado, contra a obra de Satanás – capela de Maria. A autoridade só era reconhecida por ele quando estivesse do lado da sua visão de evangelho.

Por pressão de Lutero, Muntzer foi para Mühlhausen, onde já havia partidários seus. Ali causou tantas tensões que acabou tendo que sair. Mas neste tempo já tinha amadurecido as suas idéias e tinha tido uma violenta polêmica com Lutero, e afirma idéias a respeito de uma teocracia socialista. Nela afirma que o poder da espada é da comunidade, o príncipe não passa de um servo da espada. Volta a Mühlhausen para pastorear a maior igreja da cidade, o conselho agora lhe era favorável. Houve a introdução de uma liturgia muito simples, objetos de valor das igrejas vendidos e aplicados com fins públicos, destruição de todos os tipos de imagens, etc.

Muntzer cria que uma voz interior especial ensina a pessoa sobre como interpretar as Escrituras. E que este era o modelo que Deus queria ver implantado na igreja, este tipo de ensino era mais importante do que a conclusão dos teólogos. E tinham mais autoridade do que os ensinamentos oficiais da Igreja. Valorizava os sonhos e as visões. Como boa parte do povo simples e até mesmo dos príncipes de sua época, Muntzer era contrário a tudo que tinha a haver com os sacerdotes, os altares, os quadros, as imagens e o uso de latim nos serviços de adoração. Muntzer, assim como Lutero, defendia o uso do alemão, mas Lutero demorou um pouco mais para ter coragem de colocar isto em prática.

---

<sup>3</sup> Schaly, Harold. *Os Anabatistas. Pág. 7*

Entretanto, os camponeses estavam já com sua revolta em curso e obtendo vitórias, vinham se aproximando de Mühlhausen. Muntzer já havia preparado a cidade para aderir a Revolta dos Camponeses, já havia profetizado a vitória da revolução das classes trabalhadoras. Insuflava o povo a destruir totalmente os ímpios e conquistar seus castelos.

Nos últimos meses de vida foi amargurado, rompido com Lutero, com os príncipes da Saxônia. Ficou ao lado do povo, transformou-se em importante agitador e pregador dos camponeses da Turíngia. Faltava-lhe conhecimento militar e político para liderar a revolta. Enfrentou os exércitos da nobreza com oito canhões sem munição, bandeira com o símbolo do arco-íris e uma espada. Pregou com veemência, convenceu os camponeses, mas perdeu a guerra na Batalha de Frankenhäusen em 15 de maio de 1525. Cinco mil camponeses morreram e apenas 6 soldados. Muntzer foi preso, torturado e decapitado em 27 de maio de 1525.

### 3. Andreas Bodenstein, de Carlstadt

Nasceu em Carlstadt em 1477, estudou filosofia, jurisprudência e teologia em Colônia, Erfurt e Wittenberg. Depois de 1507 foi professor assistente na universidade de Wittenberg. Em 1510 teve o título de Doutor em Teologia. Também foi decano na Faculdade de Teologia de Wittenberg e Diácono na Igreja do Castelo. Secretamente recebeu o título de Doutor de Jurisprudência, em Roma. Melancton o chamava de ABC, pelas iniciais do seu nome. *“Era de caráter grave, sombrio, talvez propenso à inveja, e de um espírito inquieto, porém cheio do desejo de aprender e dotado de grande capacidade.”*

4

Em 1517, Carlstadt publicou uma série de teses sustentando que a autoridade das Sagradas Escrituras estava acima da dos pais da Igreja. Quando a Reforma começou em 1517, postou-se ao lado de Lutero, defendendo suas idéias e teologia. Quando o Dr. Eck publicou seus Obeliscos atacando a doutrina de Lutero, Carlstadt saiu em sua defesa, respondendo e atacando Eck. Como Lutero, Carlstadt era apaixonado pela doutrina da Graça e admirador de S. Agostinho. A situação belicosa entre Eck e Carlstadt foi crescendo a tal ponto que foi marcado um debate entre os dois em Leipzig, tudo correu de tal forma que desde a história sobre o acidente de Carlstadt até o final do debate, Carlstadt

---

<sup>4</sup> D´Aubigné, J. H. Merle. *História da Reforma do XVI século*. vol.1 Pág. 191

foi ficando para segundo plano, enquanto que Lutero se tornava o centro das atenções. Os dois lados cantaram vitória nesta disputa.

Data desta época uma descrição de Carlstadt citada por J. H. Merle D'Aubigné,

*“Carlstadt é mais baixo: tem o rosto moreno e queimado; sua memória não é tão segura como a de Lutero, e mais também do que ele é propenso à cólera. Todavia, ainda que em grau menor, se encontram nele as qualidades que distinguem seu amigo.”*<sup>5</sup>

Carlstadt praticamente some no período posterior, ficando em posição secundária durante muito tempo. Até que na ausência de Lutero, ele e Melancton começam a tomar a frente da Reforma em Wittenberg. Carlstadt foi envolvido pelo clima de reformas e acaba tomando posições radicais de mudanças rápidas, sofre também a influência dos Profetas de Zwickau que convencem Carlstadt de suas posições quiliastas e visionárias. Assim Carlstadt começa discordando de Lutero e do príncipe eleitor. Uma questão muito importante para ele era sobre a missa. Era zeloso reto e pronto a se sacrificar pelo que achava certo, mas não era moderado em suas posições. Estava impaciente, percebendo que tudo mudava a seu redor, ansiava por mudanças mais profundas na vida religiosa de sua cidade. Cria que tinha a obrigação de ajudar Deus a realizar a sua obra.

*“A linguagem do arcediogo contaminava os outros com a impaciência que ele sentia. “ Tudo quanto os papas tem ordenado é ímpio, diziam certos homens íntegros e sinceros que lhe seguiam o exemplo. Não nos tornemos partícipes dessas abominações, consentindo que subsistam por mais tempo. Aquilo que é condenado pela Palavra de Deus devia ser deitado por terra em toda a Cristandade, sejam quais forem as ordenanças dos homens. Se os chefes do Estado e da Igreja não cumprem o seu dever, cumpramos o nosso. Renunciemos a todas as negociações, conferências, teses e polêmicas e apliquemos o remédio eficaz para a cura de tantos males.”*<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> D'Aubigné, J. H. Merle. *História da Reforma do XVI século* vol. II pagina 37,

<sup>6</sup> D'Aubigné, J. H. Merle. *História da Reforma do XVI Século. Vol. 3 Pág. 60*



Frederico de Saxônia não estava de acordo com estas medidas e pediu calma e moderação, mas Carlstadt persistiu em seu objetivo. Começou a atacar a prática da confissão, o jejum, e o costume de não servir o pão e cálice juntos na eucaristia. No dia anterior ao natal de 1521, ele celebrou a Ceia sem as vestiduras típicas do sacerdote e eliminou a elevação da hóstia. Estimulou a todos que participassem da ceia tomando em suas mãos os dois elementos, o que criou alguns traumas para as pessoas que tinham em mente ainda o velho modelo.

Carlstadt era mais agressivo que Lutero quanto a por em prática as novas doutrinas. Carlstadt não apenas escreveu contra o celibato, mas adotou uma posição ainda mais extrema que Lutero, dizendo que para o sacerdócio deveriam aceitar-se apenas homens casados. O resultado foi que alguns sacerdotes começaram a casar-se.

Lutero reprimiu as reformas impostas em Wittenberg com apenas alguns sermões. Isto foi levando Carlstadt a um afastamento progressivo. Carlstadt se dirige a Orlamunde, onde era titular da igreja paroquial. Ali começou a colocar em prática sua teologia do sacerdócio de todos os crentes, e a pregar e escrever livros que punham reparos ao *sola fide* de Lutero, colocando a necessidade de santidade e de uma vida mais mística do crente. Ele foi influenciado aqui pela *Teologia Alemã*.

Após isto começou um debate, em forma de livretos, com Lutero a respeito da presença real de Cristo na ceia, doutrina que Carlstadt era contra. Enquanto isto foi abandonando as vestimentas sacerdotais, pedindo para ser chamado de irmão André, desaconselhando os estudos teológicos e dando ênfase na vida simples. Não fazia mais batismo de recém nascidos. Sua teologia de justiça social, ainda que vétero-testamentária, começou a se aproximar muito da teologia de Muntzer. Apesar disso, Orlamunde não quis entrar em aliança com Allstedt naquele socialismo evangélico. Mesmo assim Lutero perseguiu a Carlstadt, que se vê obrigado a deixar a cidade e ir para várias cidades, indo até contatar os anabatistas de Zurique.

Por fim, Carlstadt vai parar na cidade de Rotemburgo, onde tenta desenvolver um papel de mediador não muito bem sucedido. Não se envolveu com o tumulto social, mas pregava sobre justiça social e moderação evangélica. Mas com a agitação social já tomando a cidade, um sermão seu serviu de pretexto para uma agitação iconoclasta, que levou as autoridades a expulsarem da cidade uma série de camponeses. Carlstadt sentiu-se no dever de ser o seu capelão, mas mal saiu da cidade, e começou a experimentar a violência dos camponeses, ele era um intelectual educado que se esforçava para se identificar com os camponeses, mas não era um agricultor. Houve uma troca violenta de

palavras entre ele e um mercenário a serviço dos camponeses na porta da cidade, este sacou uma adaga e tentou esfaquear a Carlstadt, que conseguiu desviar dos golpes. Logo depois escreve uma carta aconselhando os camponeses a tomarem cuidados com os seus excessos, pois a mão de Deus poderia virar contra eles. Depois disto não teve mais a simpatia dos camponeses.

Carlstadt voltou a Rottemburgo, onde continuou tentando auxiliar a Revolta dos Camponeses, mas as pressões de ambos os lados, de camponeses a patrícios, o fizeram fugir em um cesto pela muralha da cidade, e volta à cena apenas em Basiléia onde desenvolve a sua teologia eucarística. Escreve livros que vão influenciar anabatistas suíços e outros. Ensina na Universidade, ode morre em 1541.

#### **4. A Rebelião dos Camponeses**

A precária situação econômica dos camponeses constituía um elemento explosivo que podia conduzir a uma rebelião fanática. A maioria dos camponeses via-se forçado a arrendar terras de outros para sobreviver. Esta relação com os proprietários era muito tensa. Estavam sendo explorados pelos proprietários que agora os proibiam de pastorear o seu próprio gado, usar lenha e até mesmo pescar e caçar.

Os camponeses haviam lutado para obter justiça social já há muito tempo. Queriam uma justiça simples nas relações econômicas com os proprietários. Mas mesmo assim, o povo era muito religioso e alguns religiosos tinham muita identificação com o povo por terem vindo da mesma origem social. A doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes, acabou por ser muito apelativa para os oprimidos, porque trazia a idéia de que todos os homens eram iguais.

Os camponeses se revoltaram em junho de 1524, depois de mais uma medida extrema do governo que lhes impediu de colher o que plantaram. O movimento se espalhou rapidamente, na primavera do ano seguinte já tinha se espalhado por toda a Alemanha.

##### ***Os Doze artigos***

Os camponeses prepararam vários documentos para explicar o motivo de seu protesto. Talvez o mais importante deles foi *Os Doze artigos*, escritos em 1525. A insistência dos reformadores, inclusive Lutero, na autoridade Bíblica para ser a reguladora

dos relacionamentos sociais, influenciou os camponeses de tal forma que estes artigos vinham juntos com uma extensa citação de versículos para dar base para suas reivindicações.

O texto deste *Os Doze artigos* era muito simples e objetivo, tinha a ver com aquelas demandas mais antigas dos camponeses, falava sobre as mútuas obrigações neste relacionamento com os proprietários de terra. Pediam sobre eliminar o dízimo generalizado, com exceção do dízimo do grão principal, porque criam que aí haveria base bíblica para exigí-lo. Pedem permissão para a caça, a pesca e o uso da água. O desejo dos camponeses era voltar ao relacionamento seguro das práticas antigas. Nos artigos que falam sobre religião afirmam não querer revolução, mas o simples executar da justiça cristã. A preocupação dos camponeses em se vincular a Escritura era tanta que num dos artigos expunham que se algumas destas reivindicações provassem não ser sustentadas bíblicamente, este artigo seria revisto. Baltasar Hubmaier durante muito tempo foi visto como o autor destas reivindicações, mas ele admitiu isto em 1528 em Viena debaixo de tortura. Provavelmente (segundo George Willians) ele foi um revisor dos doze artigos.

Mas os que possuíam a autoridade não queriam abrir mão dos seus direitos que julgavam posses suas. Além do fato de desprezarem e odiarem uma classe social inferior. O resultado foi horrível: trataram os camponeses com desprezo e não os respeitaram, os trataram com violência que gerou outra violência, completamente diferente do equilíbrio visto nos artigos, e provocaram uma carnificina descontrolada de ambos os lados.

No início parecia que todas as profecias haveriam de se cumprir. O fim dos tempos havia chegado e Deus iria usar os camponeses para estabelecer seu novo reino aqui na terra. Os camponeses iam de vitória em vitória saqueando igrejas, propriedades particulares e de autoridades eclesiásticas. Destruíam imagens e relíquias, profanavam o sagrado. Mas quando as tropas imperiais que estavam na Itália puderam retornar, os príncipes ajuntaram seus exércitos para sufocar a rebelião. Então começou uma carnificina tal que sufocou a revolta num mar de sangue.

## **Conclusão**

A *Confissão de Schlateim* e os *Doze Artigos* tinham pontos de vista bastante diferentes, no sentido de que a primeira se opunha a toda forma de violência, ao mesmo tempo em que convidava o crente a sair deste mundo, e a segunda defendia o direito do

camponês, desafiando os senhores feudais e se comprometia a buscar mudanças neste mundo e não a fugir dele.

Ambas tinham o mesmo transfundo cultural, econômico e social. O mesmo povo estava por trás das reivindicações. As causas do movimento anabatista e da guerra dos camponeses são muito semelhantes. As classes mais baixas da sociedade alemã e suíça estavam há muito sofrendo os rigores das mudanças sociais e econômicas. Elas sofriam fome, frio, má nutrição e constantemente eram por demais explorados e exigidos no trabalho.

O povo já há muito tempo necessitava de um socorro, e foram despertados pelos ensinamentos de Lutero, Zwinglio e outros pregadores de que o seu sonho era possível. Mas não queriam de ter de esperar um outro século para serem satisfeitos. O ensino sobre o sacerdócio universal de todos os crentes, deu a eles de volta a dignidade perdida, todos os homens eram iguais e isto tinha para eles implicações sociais bem definidas. A religião simples, bíblica e numa língua que pudessem entender os motivou a se verem novamente parte da história e despertou desejos adormecidos naqueles corpos e naquelas almas. O problema era que a Reforma Magisterial não queria ou não podia satisfazer ao povo sem perder o apoio da nobreza, fundamental para sua implantação. Aí entram os Anabatistas e todas as forças que vem compor o quadro da Revolta dos Camponeses. Estavam prontos a escutar e se envolver em qualquer movimento radical que se apresentasse, não tinham outras opções.

Muitos dos primeiros líderes, como Carlstadt, Mantz e Grebel, eram de formação acadêmica elevada, alguns de formação humanista. Estavam preparados para fundar e liderar um movimento de tal envergadura. Mas a maioria dos líderes anabatistas morreu jovem. Os novos líderes já não tinham a mesma formação e acabaram escolhendo um caminho cheio de exageros, visões milenaristas, alimentando a ilusão do povo.

O movimento anabatista espalhou-se muito rápido e em meio àquela época de distúrbios religiosos despertou muita oposição. Lutero dizia que os pregadores anabatistas itinerantes eram emissários do diabo. Lutero e Melancton criam que era preciso medidas severas, até mesmo a execução para deter este movimento. A maioria dos reformadores aconselhava o Estado a agir com mão de ferro contra estes hereges.

O século XVI vê a Reforma Protestante, que começou motivada por sonhos pessoais, por erudição, busca de mais profundos conhecimentos sobre as doutrinas cristãs a partir das escrituras. Vê agora esta Reforma ser banhada em sangue, e rasgada de parte a

parte. Seria normal que todo o sonho dos anabatistas e o dos camponeses fossem extinguidos, mas o sonho parece que é feito de um material que nem o sangue derramado pode destruí-lo.

Muitos anos depois, esta visão renasce das cinzas, nas igrejas separatistas da Inglaterra, nas comunidades menonitas, e diria até nos movimentos marxistas, na Teologia da Libertação e no movimento dos direitos humanos dos séculos mais recentes. Parece que neles se encontra a mesma raiz, o mesmo sonho, a mesma fé para construir o mundo de novo, com erros e acertos, mas construído pela mão do homem, pelo coração que não se deixa calar, e abençoado pelo olhar de Deus.

## BIBLIOGRAFIA

**D'Aubigné, J. H.** *História da Reforma do Décimo Sexto Século*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.

**Dreher, Martin N.** *A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Coleção História da Igreja).

**Elton, G. R.** *A Europa Durante a Reforma 1517 – 1559*. Tradução de Ana Hatherly. Lisboa: Editorial Presença.

**Faircloth, Samuel D.** *Esboço da História dos Baptistas (súmula do livro A History of the Baptists por Robert G. Torbet)*. Leiria: Edições Vida Nova. 1959

**Schalj, Harold.** *Os Anabatistas*. Apostila não publicada.

**Walker, W.** *História da Igreja Cristã*. Tradução D. Glênio Vergara e N. Duval da Silva. São Paulo: Aste e Juerp. 1983

**Wenger, John Christian.** *Compendio de Historia y Doctrina Menonitas*. Traduzido por Ernesto S. Vilela. Buenos Aires: La Aurora, 1960

**Willians, G. H.** *La Reforma Radical*. México: Fondo de Cultura Económica. 1983

## PESQUISA NA INTERNET

<http://www.anabaptists.org/history> (várias páginas)

[http://www.anabaptists.org/Anabaptists Separate by Choice, Marginal by Force.htm](http://www.anabaptists.org/Anabaptists%20Separate%20by%20Choice,%20Marginal%20by%20Force.htm)

<http://www.wittenberg.de/e/seiten/st011000.html>

<http://www.hccentral.com/nelson1/index.html#toc>

<http://www.menonitas.org/anabaptistas>

<http://www.bible.org/docs/history/schaff>

[http://www.sobreestapiedra.com/archivo\\_historia\\_cristiana/estep](http://www.sobreestapiedra.com/archivo_historia_cristiana/estep)

Os livros seguintes também foram tirados da Internet:

**Amaya**, Ismael E. *LOS FORJADORES DE NUESTRA FE (La Reforma Religiosa del Siglo Dieciséis)*

**Lindsay**, Tomás M. *La Reforma y Su Desarrollo Social*. Biblioteca de la Historia Cristiana